

A comunidade de Santo Antônio de Lisboa *

A

A História do Açoriano na terra Nova

Há suposições de que os primeiros moradores de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio de Lisboa se radicaram nesta área por volta de 1698.

Geograficamente, Santo Antônio de Lisboa situa-se ao norte da ilha Santa Catarina, no litoral fronteiro ao continente, ficando facilitado o acesso aos imigrantes açorianos, o intercâmbio com Desterro e com as fortalezas de Ponta Grossa, Ratoles e Santa Cruz. A povoação está voltada para o mar, na direção sudeste. O seu traçado urbano reproduz o modelo das vilas portuguesas, constituindo por duas ruas principais paralelas ao mar e algumas transversais.

Até 1748, os habitantes da localidade seriam paulistas, luso-brasileiros e lusitanos. O aumento da população deu-se com a imigração açoriana para a Ilha.

Em 1714 instala-se na Ilha o sargento-mor Manoel Manso de Avelar, conhecido por "Emanuel Manso", e que, posteriormente, veio a residir em Santo Antônio, onde construiu o entreposto. Este sargento-mor, teve uma filha, Clara Manso Avelar, que fixou residência em Santo Antônio de Lisboa, Claramancia, como era carinhosamente chamada, dedicou sua vida à caridade e aos trabalhos da Igreja, chegando a doar cem braças em quadro de terras (48.800 metros quadrados) para construção da Igreja Nossa Senhora das Necessidades, que teve o seu início em 1750 e foi concluída em cinco anos.

A produção agrícola desta freguesia no final do século XVIII era intensa e variada, incluindo farinha, arroz, milho, feijão, favo, trigo, cevada, aguardente, melado, açúcar, algodão, café ...

Observa-se que a arquitetura geográfica não lhe permitiu haver maior evolução na agricultura, pelo fato de estar situada entre morros. Mesmo assim, a comunida-

Dirce Maria Martinello**

* Texto extraído da Dissertação de Mestrado "O pescador Artesanal tecendo a sua própria rede". Programa de Pós-Graduação em Educação e Trabalho. UFSC, 1992. Orientador: Silvino Assmann.

** Assistente social, assessora em questões de organização e relações de trabalho.

de de S. A. era retratada como uma população cujos habitantes tinham como hábitos o cultivo da cana-de-açúcar, da mandioca, do milho, de algum vinho e de uma diversidade de hortaliças.

Fator importante a ser considerado na história da Freguesia de Santo Antônio de Lisboa é o fato de muitos colonizadores terem enfrentado a desigualdade na distribuição de terras, além de haver casos de áreas que jamais foram distribuídas, permanecendo sob guarda da marinha.

Mesmo sob o domínio da política de Portugal, Santo Antônio de Lisboa desenvolvia-se e adquiria importância cada vez maior no conjunto das freguesias, destacando-se inclusive pela presença de um entreposto localizado na praia denominada Aguada, em Sambaqui.

Na metade do século XVIII, aproximadamente 1760, as comunidades atualmente denominadas Rationes, Barra do Sambaqui, Pontal, Jurerê e Rio Vermelho utilizavam o porto para o escoamento de sua produção agrícola e pesqueira. Além disso, tornou-se um ponto de referência da Ilha, e ao mesmo tempo representava sua defesa e segurança. Todos participavam do movimento portuário, tornando-se um espetáculo envolvendo as pessoas que residem próximas e aquelas que são atraídas para sua proximidade, quer seja para realizar negócios ou simplesmente observar o movimento.

Segundo Soares (1990: 25-26), citando entre outros Manoel Joaquim de Almeida Coelho e Carlos Humberto Correa, Santo Amaro de Lisboa era, nesta época "mais do que todas as outras freguesias". Frequentemente havia ali fundeados "navios mercantes e de guerra, nacionais ou estrangeiros". A produção agrícola de todo o norte da

ilha escoava-se através deste entreposto que era, assim, extremamente fértil dentro do aspecto sócio-econômico. A presença do porto tornou decisivo para o baldeamento da produção local e vizinha rumo ao Desterro e outros centros. Boa parte destas mercadorias passou a ser comercializada ali, exigindo a abertura de casas comerciais específicas de acordo com seus produtos.

O declínio da economia de Santo Antônio de Lisboa passa a ocorrer já no início do século XX, quando novas opções de transporte acabam por diminuir a importância do porto, além do crescimento de Desterro inaugura um novo pólo econômico.

Assim, este processo de decadência atinge o seu ápice a partir da construção da estrada geral ligando o norte da ilha à cidade de Florianópolis. As pessoas foram deixando de fazer o transporte de barco e passaram a utilizar-se dos cavalos, das aranhas e carroças. Em 1945, surge a primeira linha de ônibus, vinda de canasvieiras e com a passagem obrigatória pelo centro de Santo Antônio de Lisboa. Com o passar do tempo e para atender as necessidades da população, intensificaram os horários.

O convívio com a cidade começa a interferir na vida da comunidade de Santo Antônio de Lisboa, com o exercício das novas tarefas de trabalho gerando modificações no comportamento, afetando valores comunitários que eram marcados, sobretudo, pela forte influência dos preceitos religiosos.

Hoje, Santo Antônio de Lisboa mantém muito da sua tradição, apesar de estar ligada à vida urbana, quer seja através dos meios de comunicação, ou pela presença de turistas no verão, ou pela presença de moradores não nativos

e/ou pelo contato diário com a cidade através daqueles que nela trabalham.

Embora existam boa parte do espaço da comunidade é ocupado por gente de outras regiões, não alterando a perda de identidade dos nativos, pois, muitos destes habitantes integram-se harmoniosamente às tradições culturais locais.

Dentro deste contexto, existe na comunidade um grupo de pessoas, algumas nativas, outras não, que desenvolvem um movimento para manter vivas as heranças culturais de Santo Antônio de Lisboa. Assim sendo, diante daqueles que buscam o resgate da tradição, ou diante daqueles que se mantêm ligados cotidianamente à tradição, podemos afirmar que a comunidade de Santo Antônio de Lisboa está viva.

A influência da Igreja na História de Santo Antônio de Lisboa

A história nos mostra que a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio de Lisboa constituiu uma comunidade marcadamente católica.

A construção da igreja se deu na mesma época da distribuição das sesmarias, fato que marca a formação da comunidade, que se coloca desde início à participação da vida religiosa por parte dos sesmeiros, que deviam obter, em tudo, o crédito da autoridade paroquial.

Nesta metade do século XVIII a influência da Igreja estendia-se até mesmo às questões de fecundidade, as datas de casamento: pois não era permitido que os matrimônios fossem realizados nas épocas de quaresma, período de penitência anterior à Páscoa, e no advento, período de quatro semanas antes do Natal.

No final do século XVIII, em Santo Antônio de Lisboa atuavam na Igreja, as irmandades do Santíssimo Sacramento e a de Nossa Senhora das Almas, que foram as primeiras a se instalarem na Ilha.

Estas irmandades ainda existem até os dias de hoje e funcionam como medida de apoio comunitário: administração do cemitério, auxílio e participação de festas e cultos religiosos, conservação de bens ... Na irmandade existe o cargo de provedor que é exercido por um líder comunitário ou por uma pessoa que manifeste espírito de solidariedade no seu meio social.

A igreja Nossa Senhora das Necessidades é o movimento barroco mais antigo do sul do Brasil, e, mesmo depois de ter sido tombada, os cuidados que ela exige pela sua fragilidade são assumidos pela comunidade e por alguns indivíduos responsáveis pela sua administração. São estes os que a conservam, utilizando-se de recursos próprios, ou de órgãos públicos uma atuação que é ínfima, para a manutenção e a restauração necessárias.

A unidade enquadra os princípios e valores morais e espirituais de Santo Antônio de Lisboa; não podemos deixar de considerar o reconhecimento que os indivíduos que ali residem atribuem à Igreja pelo seu exercício no decorrer da história da comunidade, conduzindo-se pela linha da comunhão, principalmente quando se trata de valores que se foram estabelecendo universalmente como o perdão, a idealização para o

comportamento humano, o entendimento do mundo, a espiritualidade ...

Padrões são gerados de um conjunto de relações, alguns com menos, outros com mais relevância, mas que norteiam os diversos aspectos da vida social da comunidade e conservam um aspecto singular para os descendentes açorianos.

Neste sentido podemos citar o exemplo que é considerado sublime para estes indivíduos e que se expressa entre outras manifestações culturais, como exemplo a festa do divino, que em conjunto com as cantigas e brincadeiras (terno-de-reis, pão-por-Deus), expressam e dão vida ao folclore ainda existente na comunidade.

Além do folclore existe o trabalho artesanal, desde o confeccionar material de pesca, anzóis, redes, como o tecer de rendas, atividade esta unicamente feminina, mas que expressam sentimentos, conhecimentos e valores culturais.

Caracterização do pescador artesanal

Enquanto os pescadores continuam a viver na sua comunidade praticamente de origem, os filhos partem para o centro da cidade em busca de um novo tipo de trabalho. A cidade tem um sentido diferente para os pescadores mais antigos: nela encontra-se o mercado, com a presença do atravessador, a quem o pescador deve sujeitar-se quando da comercialização do produto da pesca, também as casas comerciais que fornecem os suprimentos para a satisfação das necessidades do cotidiano. E é na cidade que o

pescador se defronta com uma realidade mais ou menos distante daquela do seu dia-a-dia: são os meninos que pedem esmolas, são os barracos caracterizados como casas, as filas que enfrentam quando freqüentam o banco, o movimento de carro e ônibus ...

É difícil a aceitação por parte do pescador da realidade que a vida urbana apresenta, porque a comunidade na qual ele vive existe uma certa igualdade social, mesmo com diferentes posições econômicas entre os próprios grupos de pescadores.

Assim o jeito e o modo de ser destes indivíduos caracterizam-se sob as múltiplas formas e significados, nas suas relações materiais, afetivas ou relativas ao imaginário, sejam elas individuais ou coletivas, o que pode aparentar uma vida relativamente monótona para quem vê de fora, aparentando uma determinada fixidez e/ou imobilismo histórico; o pescador cultiva sentimentos que fazem com que resista às inovações implantadas pela modernidade.

Aceitar o "novo" exige mudanças. De certa forma, não pertence aos valores do pescador o ideal de progresso, o qual exige que se aceite como inevitável a instabilidade da vida. E talvez estas mudanças atinjam diretamente a liberdade encontrada no seu universo, onde o mar é um ambiente inapropriável e indivisível, e o trabalho não pertence a ninguém, senão a si próprio e que isto o distingue dos demais. Pode ser, que a resistência às mudanças esteja ligada ao receio que ele tem de perder este relacionamento, até certo ponto livre com a natureza, enquanto forma de sustento e de

trabalho. Ele não se importa com o ganho exagerado, ao contrário, contenta-se com o pouco de que dispõe. Não lhe interessa a conquista da cidade, do mercado, do mundo. Assim, ele não pertence ao mundo do trabalho a todo custo, a ética do sucesso, do lucro e do progresso.

Por outro lado, ele não se sente diminuído em relação aos outros homens. Sua racionalidade voltada para a incerteza, sorte, destino, dependência dos fatores naturais, situam-no enquanto orgulhoso de possuir um saber próprio. Ele se volta para si mesmo e desconfia e se guarda das informações e influências externas temendo tornar-se dependente, sofrendo como conseqüência, a perda da identidade, principalmente se aderir às inovações tecnológicas.

A pesca artesanal de Santo Antônio de Lisboa, considerada no seu aspecto econômico, é uma atividade de subsistência, mas ela ultrapassa a satisfação da necessidade de sobrevivência; pode ser considerada como uma forma de vida, que mostra não haver dicotomia entre a natureza e a história, entre o indivíduo e o social, religioso, econômico, político, existencial ... Sabemos que somente pequena parte da produção é vendida diretamente ao consumidor externo à comunidade. A tecnologia utilizada é bastante primária, e todo o saber desta atividade produtiva vem de aprendizado que passa de geração em geração e assim permanecem enquanto não for posto em xeque por fatores externos.

Assim como acontece em todo o processo de aprendizagem, a atividade cognitiva do pescador, embora fundamentada no

conhecimento empírico, tem um efeito multiplicador elevado que reflete a percepção do meio ambiente por parte dos indivíduos. Esse fenômeno ocorre como conseqüência das curiosidades, das necessidades, das lembranças, das sensações, dos lugares e das temporalidades que surgem entre os vestígios dos tempos antigos em confronto com os modernos. Desta forma compõe-se o saber que, fundamentado na experiência cotidiana de caráter histórico, geográfico, estético, étnico, econômico, vai não somente proporcionando um acúmulo de conhecimentos tradicionais, mas também um contato com novos conhecimentos, o que contribui para gerar uma nova mudança no perfil ocupacional do pescador.

Apesar de diversos fatores, muitas mudanças ocorreram devido a inserção de novos métodos de pesca que exploram com mais eficácia o território marinho. Os pescadores apropriam-se das informações concernentes ao seu trabalho, passando a dominar e a manejar os novos recursos que uma tecnologia mais recente propicia, que são adaptados aos instrumentos tradicionais de pesca. Percebemos a sua presença através da má utilização de materiais sintéticos para a confecção de redes, linhas e através de motores.

Também, este saber empírico conduz a um compromisso ético que envolve o pescador e pode ser percebido num aspecto objetivo, em que aparece o aceite da delimitação das zonas de pesca, e um aspecto subjetivo, proveniente de crenças mais ou menos semelhantes, através das quais se solidifica uma tendência a um tipo de

comportamento e visão de mundo comuns.

Mesmo com a divisão informal do território, com a predominância da pesca dentro das águas da baía, vêm gerando grandes dificuldades para a boa captura, devido a escassez do peixe, decorrente de vários fatores: urbanização, poluição, o não-respeito ao ciclo de reprodução das espécies marinhas, a pesca industrial.

De modo geral, o pescador de Santo Antônio de Lisboa percebe que o mar é o referencial mais importante na sua vida

e, conseqüentemente, na sua atividade produtiva. Assim, o mar é o elemento que impõe o respeito ao seu ciclo biológico, para que não se coloque em risco o destino das espécies marinhas.

Acontece, porém, que muitas vezes falta ao pescador um domínio científico coerente que possibilite o real atendimento não somente relativo à reprodução das espécies marinhas, bem como distinguir a simples força de domínio do homem sobre a natureza, de uma possível utilização tecnológica que integre homem - natureza - trabalho de modo a atender tanto as necessidades humanas como o não-comprometimento exaustivo da flora e fauna marinhas. Essa problematização surge para a comunidade como um fenômeno recente, uma vez que a racionalização da atividade pesqueira talvez não fosse necessária em épocas anteriores.

Dentre as várias questões que centralizam o debate sobre a

racionalização da pesca, a instituição do período do "defeso" do camarão implantado pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) é um dos pontos nevrálgicos discutido não somente na comunidade de Santo Antônio de Lisboa, como também em todos os centros pesqueiros do Estado.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à presença do atravessador ou intermediário; em Santo Antônio de Lisboa são raros os pescadores que ainda mantêm este vínculo. Eles utilizam o sistema de partilha: o que vale é a quantidade de peixes que são pescados. Esta é a única referência para o estabelecimento da divisão ou remuneração.

A divisão do produto entre parceiros exclui o antagonismo entre capital e trabalho, pois o proprietário do barco não explora de forma assalariada a mão-de-obra do parceiro que partilha do total produzido. Por outro lado, a comercialização sem a presença do intermediário inviabiliza a tipicidade de se instituir enquanto característica capitalista, já que o que passa a vigorar é uma relação praticamente de troca razoável.

Diante das transformações, há pessoas que começam a perceber, através de uma "autoconsciência de realização", a forma mais ou menos própria de interpretação destas novidades apresentadas pelo mundo moderno, objetivando o bem-estar coletivo e colocando em prática através de entidades comunitárias que se volta na concretização desse objetivo, comprometendo-se com as informações relativas aos assuntos de ordem social, econômica, política e cultural, comprometendo-se com o desenvolvimento dos indivíduos,

ampliando seus conhecimentos dentro dos valores aceitos coletivamente, com base crítica, tentando evoluir e libertar-se das ilusões impostas pela sociedade capitalista, superando a coerção e a privação, e assumindo posições e interesses reais, valores culturais, a busca de qualidade de vida.

Projetos alternativos na área de pesca

A convivência com o novo provoca uma mudança de hábitos significativa, fazendo com que os indivíduos passem a ter contato com as novas alternativas que, muitas vezes, coincide com o acesso às facilidades oferecidas pela modernidade, tais como: transporte coletivo, meios de comunicação em geral, novidades tecnológicas.

Diante desta transformação, há pessoas que começam a perceber, através de uma "autoconsciência de realização", a forma mais ou menos própria de interpretação destas novidades apresentadas pelo mundo moderno, objetivando o bem-estar coletivo. Assim, parte-se para a reflexão sócio-cultural-político de cunho comunitário.

O pescador artesanal impossibilitado de acompanhar todo o desenvolvimento tecnológico, acabou ficando à margem do que estava acontecendo,

voltando-se a sua manutenção (sobrevivência), obtendo poucas informações além das mantidas pelo seu grupo, não dispondo de condições ideais e plenas para uma objetiva participação dos problemas gerais da comunidade.

Sofrendo graves conseqüências de escassez na pesca, devido à poluição, a baía não oferece boas condições para a detenção do pescado e a pesca em alto-mar é privilégio das embarcações industriais.

Para enfrentar esta dificuldade, muitos foram os projetos que os governos federal, estadual e municipal implantaram, todos com o objetivo voltado à melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, no entanto raros os que deram bons resultados, e Santo Antônio de Lisboa é um exemplo.

Existem pessoas (lideranças) na comunidade muito preocupadas com as questões referentes à pesca.

Em 1985, houve encaminhamentos de órgãos estaduais e municipais, onde envolvidos com a comunidade, estabeleceram prioridades quanto à identificação das possíveis atividades produtivas a serem encontradas, voltando-se ao resgate do conhecimento próprio, do sentimento de pertencer a uma cultura e prática social e econômica comunitária, acrescido pela inserção do tecnológico dos profissionais envolvidos.

Num contexto, oriundo da falta de informação e instrução, gera duas situações que se interligam. De um lado, o pescador passa a não respeitar os programas de preservação da fauna marinha, burlando leis e pescando em local e época impróprias, sem obedecer a qualquer avaliação à reprodução das diferentes espécies de pescado. O pescador justifica-se, dizendo não ter condições de só pescar na época certa, por falta de equipamentos para enfrentar o mar aberto. Por outro lado, o pescador sofre um processo de descaracterização, pois,

muitos são aqueles que abandonaram a pesca para se entregarem a outras atividades, tornando-se serventes, vigias, carpinteiros... perdendo a sua identidade de pescador, bem como o contato com a cultura açoriana.

O projeto denominado Conselho de Desenvolvimento Econômico, preocupava-se em definir afinidades ocupacionais da comunidade. Tal objetivo deveria ser alcançado de modo a não se distanciar dos recursos próprios, bem como do grau de consumo.

Preocupados com a preservação da pesca artesanal, o projeto direcionou-se ao estímulo a novos processos para aperfeiçoamento dos sistemas de captura, manejo e comercialização do pescado, objetivando avaliar o esforço da pesca nos ambientes considerados criadores naturais, permitindo o repovoamento aquático.

No processo de discussão, análises, encaminhamentos de projetos alternativos, surge o cultivo de ostreicultura, além de obter discernimento sobre questões ecológicas, políticas, econômicas e sociais relacionadas ao pescador.

Considerações finais

No trabalho desenvolvido em Santo Antônio de Lisboa, procuramos representar como a comunidade se vê, como ela vive com suas contradições inconscientes, com seus conflitos mais ou menos conscientes. Digamos que se trata da organização do senso comum. E como tal não sugerimos questionamentos ao que já se escreveu e também ao papel dos que, como assistentes sociais ou não, costumam intervir na vida de comunidades similares à que

estudamos. Pudemos conviver com muitas pessoas, discutir com elas, ouvi-las perceber seus traumas, suas dificuldades em aceitar e compreender a rapidez das mudanças no mundo e as conseqüências disso na sua comunidade.

Acumulamos questionamentos e talvez o desencantamento por não termos compreendido os entremeados dos valores, dos conceitos, da visão de mundo, ou o conteúdo cognitivo existente na experiência do pescador artesanal.

Entendemos que se torna imprescindível rediscutir a nossa prática dando importância à sensibilidade que está manifesta nos mitos, nos deuses, nos poetas, nos gestos simples, nas festas, na rotina dos cotidianos ou nos indivíduos com menos máscaras e mais conhecedores de seus desejos e o significado da existência humana.

Trabalhamos não para promover o retorno ao primitivismo de uma vida onde o pescador se contentava em apenas obter o pescado necessário para sua sobrevivência e, culturalmente, expressar o seu passado de tradições através da religiosidade, dos projetos, da cantigas, da brincadeiras, do artesanato, mas por outro lado, não projetamos, as supervalorizações do tecnicismo produtivo que, sem dúvida, é um valor quase que universal na sociedade moderna. Pensamos que a tecnologia pode e deve interessar ao pescador artesanal, sem, no entanto, descaracterizá-lo em seus costumes e

valores provenientes de alguns séculos de tradição cultural.

Procuramos não partir de uma única causa, fosse ela econômica, social ou política, mas toda a trajetória histórica da comunidade de Santo Antônio de Lisboa como elemento indispensável para a compreensão da realidade entre os indivíduos que ali vivem. E, aqui, situa-se o cotidiano, que se compõe de atitudes, encontros e desencontros, paixões e rupturas e, acima de tudo, de um forte desejo de expressar e concretizar os sentimentos e os sonhos. E, dentro de uma perspectiva filosófica que indique que a forma mais verdadeira de se compreender o indivíduo é através do conhecimento do seu cotidiano.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Cleide. Articulação de localidades periféricas com a vida humana: O exemplo de uma área de pescadores. In: *Anais do Museu de Antropologia, Florianópolis, UFSC, Ano XVII e XVIII, n. 18, Dez. 1989, pp. 5-25.*
- ANDERY, A. Alberto. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: *Psicologia Social: O homem em movimento*. Org. Silvia T. M. Lane e Wanderley Cado. 8. Ed., São Paulo, Civilização Brasileira, 1984, p. 16-47.
- ARQUIVO MORTO DO CONSELHO COMUNITÁRIO DE SANTO ANTÔNIO, Florianópolis, 1981. Texto Mimeo.
- BARROS, Edy Alvares Cabral. *A freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio 1814 a 1910: a sua transição demográfica*. Florianópolis,

- UFSC, 1979, Dissertação de mestrado em História. Texto mimeo.
- BECK, Anamaria. *Lavradores e pescadores. Um estudo sobre o trabalho familiar e o trabalho acessório*. Florianópolis, 1979. Texto mimeo.
- _____. "Um trabalhinho a toa": a produção e a comercialização da renda-de-bilro e suas implicações para a economia familiar. Florianópolis, UFSC, Relatório de pesquisa, 1982.
- _____. A utilização dos recursos do mar através da história. In: *O mar e seus recursos*. Coord. Blanca Sierra de Ledo. Florianópolis, UFSC, 1980.
- BONIN, Anamaria A. *A pesca e seus trajetos: um estudo dos pescadores artesanais do canto da praia de Itapema, S.C.* São Paulo, PUC, 1984. Tese de Doutorado em Antropologia. Texto mimeo.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *Os açorianos*. In: *Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense*. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950, p. 7-155.
- CARUSO, Raimundo C. (org.). *Franklin Cascaes: vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis, UFSC, 1989.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio, a praia e o imaginário ocidental*. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- CUNHA, Lucia Helena de Oliveira. *Entre o mar e a Terra - tempo e espaço da pesca em Barra da Lagoa*. Dissertação de Mestrado em Ciências sociais, PUC, São Paulo, 1987, Texto mimeo.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant'ana. *Pescadores camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo, Ática, 1983.
- DREUMONT, Daniel. *Cooperativismo pesquero artesanal en Francia: Un modelo de organizacion para el sector*. *La Caleta*, Chile, Andromeda, Nº8, Abril 1991, p. 10-18.
- FEDERACION PROVINCIAL DE PESCADORES DE CHILOÉ: *Chile: pescadores y tecnicos analizan desarrollo costero integrado*. *La Caleta*, Chile, Andromeda, Nº8, Abril 1991. p. 22-26.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. * Ed. Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsões políticas do desejo*. Trad. Suely B. Rolnik. 3. Ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- HABERMAS, Jurgen. *Conhecimento e interesse*. Trad. José N. Heck e Gustavo Bayer. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- HELLER, Agnes. *Para mudar a vida*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo. Brasiliense, 1982.
- _____. *Teoria de las necesidades en Marx*. Trad. Espanhola. Barcelona, Península, 1978.
- Ilha de Santa Catarina: relato de visitantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Org. Martin Afonso P. de haro. 3. Ed. Florianópolis, UDESC - Lunardelli. 1990.
- LABERGE, Jaques. *As naturezas do pescador*. In: *Coletânea de Trabalhos Apresentados no 2º Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil*. Org. Antônio Carlos Diegues e Renato Rivabem Sales. São Paulo, 1988, p. 236-258.
- LECHNER, Norbert. *Un desencanto llamado posmodernidad*. In: *Documento de Trabajo*, Nº369, FLACSO, Santiago de Chile, 1988, p. 25-31.
- MALDONADO, Simone C. *Pescadores no mar*. São Paulo, Ática, 1986.
- MENEGASSO, Maria Ester. *A prática do assistente social no serviço de extensão de pesca em santa Catarina*. Porto Alegre, PUC. 1989. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Texto mimeo.
- MIRIAN, Lilian Argentina B. *O pescador artesanal do sul*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1980.
- PEÇANHA, E.G.F. *Os companheiros - o trabalho na pesca em Itaipu*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Texto mimeo.
- ROTHSCHILD, Brian J. (Coord.) *A pesca*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo. IBRASA, 1975.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Ética iluminista e ética discursiva*. In: *Vários. Jurgen Habermas: 60 anos*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, Julho - Setembro 1989. p. 23-78.
- VARZEA, Virgílio. *A ilha*. Florianópolis, Lunardelli, 1985.
- Palavras-chaves: Projetos alternativos, práticas comunitárias, qualidade de vida, poder local.**